

A ESCRITA DO DESEJO

Maria Beatriz Jacques Ramos

Nas primeiras páginas do livro *Os Irmãos Karamázovi*, de Dostoiévski, reencontrei este manuscrito de Alba.

Por toda parte, o homem adquire a consciência da sua transitoriedade, e luta desesperadamente, para conseguir o que de melhor o mundo lhe possa dar, no certo prazo de tempo em que nele tem de viver. E, em busca de algo que o identifique, com a vida, todo homem seguirá e ouvirá aquele que lhe promete essa identificação. (Alba)

Não o teria reencontrado e relido, mas M. o encontrou e lançou-me um desafio: "Escreva, conte algo sobre ela. Você conhece, em parte, essa mulher."

Aos poucos o passado se revela, uma tela se abre e vem à lembrança Alba, uma mulher de sessenta anos, solitária, sem amigos, morava com duas irmãs, mas não suportava a pressão dos parentes que sempre lhe pediam auxílio financeiro. Ela ajudava ou precisava ajudar? Ela era explorada ou se deixava explorar?

Nas entrevistas preliminares conta que reclamava, brigava, humilhava os irmãos, mas depois entregava o que precisavam, senão "morreriam de fome", uma expressão que constantemente usava quando se referia a eles.

Quando adolescente e adulta trabalhou em fábricas de móveis e assumiu muitas responsabilidades. Sentia-se parte das coisas que fazia e convivia tristemente com a rotina, de domingo a domingo.

Neste período, 1997, estava aposentada e ajudava a cuidar dos netos da irmã mais velha que morava com ela. O pai tinha falecido quando tinha cinco anos e a mãe falecera recentemente. Do pai, só sabia o que lhe contaram, pois "nem o conheceu".

Assim começa a composição, a "alfaiataria" dos panos teóricos e práticos da psicanálise com cuidado para não esgaçar os tecidos e expor, em demasia, a dor dessa mulher.

A história é romanesca, instigante e a costura não ocorre por acaso. Também não foi por acaso que Freud comentou que a vida psíquica tem uma continuidade, que o inconsciente é atemporal e ilógico.

Acredito que o caminho representa um vai e vem e, por vezes, se assemelha a um novelo de lã no qual um fio escapa e nos obriga a enxergar a soltura, acertar uma parte que parece presa, recalcada, destinada ao esquecimento, mas que retorna à memória.

Esse relato clínico se passa no final da década de 90, século XX, marcado por muitas transformações culturais e sociais.

Alba escrevia longas cartas e poemas numa máquina de escrever, escrevia e lia, lia e escrevia. Nas sessões narrava o conteúdo das cartas para os parentes, cartas que retratavam suas emoções.

Ela vivia submetida ao medo e ao preconceito. Vivia uma vida errante e solitária, identificada ora com uma pessoa, ora com outra. Fugia da exclusão e do abandono, mas estava presa no desvalimento e na raiva de si mesma.

Traços de bondade e amor apareciam no vínculo com algumas pessoas. Com outras, mostrava ressentimento e agressão. Suas descrições eram inundadas por traços de histeria e melancolia.

Aos poucos a trama do tecido se configura e se conforma no trabalho com Alba: o enlace transferencial, o tratamento e as incertezas. Momentos de desespero, indignação, grito, choro e risada. Um sítio, que por muitos anos habitei, com nuances sadomasoquistas, no qual se instalava uma impregnação do ego com a parte cruel dos objetos perdidos e idealizados e outra com a parte perseguida, ameaçada e identificada com esses.

Freud, em O ego e o id, comenta:

Na melancolia é ainda mais forte a impressão de que o superego arrebatou a consciência. Mas aqui o ego não ousa reclamar, ele se reconhece culpado e submete-se ao castigo. Na melancolia, o objeto a que toca a ira do superego foi acolhido no ego por identificação. O histérico defende-se da percepção dolorosa com que o ameaça a crítica do seu superego, da mesma forma como costuma se defender de um investimento objetal intolerável através da repressão. (FREUD, 1923, p.64)

Os romances, as ambições: do parricídio à privação

Primeiro Dostoiévski, depois Alba.

Alba e Dostoiévski qual a ordem? O que importa? O livro tinha a finalidade de mostrar a força de seu mundo interno e das fantasias inconscientes.

Em "Os Irmãos Karamázovi", Dostoiévski mostra a situação de um homem com os três filhos, num contexto de degeneração familiar que culmina no parricídio, na morte Fiódor Pávlovitch Karamázovi (o pai), conhecido como "fazendeiro", apesar de mal frequentar a propriedade. Um homem mau, devasso, casado duas vezes e com três filhos: Dmítri Fiódorovich Karamázovi, da primeira esposa; Ivan Karamázovi e Alieksiéi Karamázovi, da segunda. Além da suspeita de um quarto filho, Smierdiákov, um criado imbecil que sofria de epilepsia, mas que não era tão imbecil, pois conhecia o esconderijo na casa, onde o velho Karamázovi guardava o dinheiro. Dmitri Fiódorovich Karamázovi, ou apenas Mítia, o meio-irmão, instável e confuso, ora pendia à bondade, ora à maldade.

Ele é o principal suspeito da morte do pai, justamente por disputar com ele o amor de uma mulher, além de também passar por problemas financeiros. É acusado, preso e julgado por um júri popular, que o considera culpado pelo crime de morte premeditada para roubar. No entanto, o

culpado era Ivan, que tivera a ideia e instigara Smierdiákov a pô-la em prática, mas tudo conspirava contra Mítia. Deslealdade e mentira são os temas desse romance, no qual a carga psicológica constitui o retrato de uma época conflitante e de várias épocas. Um romance atemporal e atos de maldade ecoam junto a atos de bondade.

Alba me ofereceu um retrato da ambivalência, do amor e do ódio. Nunca recebeu o cuidado que precisava, o privilégio de ser tratada como uma filha desejada. Ela comparava o carinho da mãe pelo irmão, único homem da família, e a negligência em relação a ela. Dele a mãe aceitava as imperfeições, até o alcoolismo.

Amar e ser amada, expressão intrigante para uma "mulher perdida" que só pode estudar o suficiente para trabalhar no comércio.

Conseguiu concluir o Curso Ginásial e desde cedo abriu mão do futuro para cuidar do presente. Presente concebido no sustento da família. O mesmo aconteceu com suas irmãs. O irmão se alistou no exército, cumpriu o tempo exigido, saiu e casou.

Alba era autodidata e geralmente acertava as qualidades e defeitos dos outros, pois tinha uma sonda, um radar, sabia quem era bom e quem era mau. O mundo era dividido em bons e necessitados, em maus e exploradores. Inteligência, insight e sensibilidade eram características muito fortes nessa mulher. Porém, as escolhas foram penosas: um casamento infeliz, três abortos (o marido não queria filhos), brigas, surras, separação. Uma segunda tentativa, um segundo fracasso. Envolveu-se com um homem voltado para si mesmo, que não assumia relacionamento com uma mulher "desquitada", termo usado na época. Ele lhe prometeu apoio financeiro, mas ofereceu traições e mentiras. Mais uma escolha, mais uma frustração, mais um fracasso.

Num encontro relata que uma irmã se suicidou por não suportar os "horrores" que vivia no casamento. "*Ela sucumbiu na dor!*"

Alba aceitava a morte e se preparava para esse encontro, pois se sentia como alguém sem motivos para viver. Trágica e teatral, tentava me carregar nos cenários que construía como intérprete de suas mágoas.

Aos poucos fui compreendendo suas falas, perdas e contradições. Os outros serviam de fonte para abastecer a infindável queixa, a frágil discriminação egoica e o pertencimento.

Alonso e Fucks, no livro *Histeria*, mostram que, na obra de Klein, a neurose histérica tem semelhanças com os estados limítrofes e, por vezes psicóticos.

A ênfase colocada na fixação e na regressão à fase oral presentes na histeria, sendo isto notório- mesmo que não exclusivo – dentro do movimento kleiniano, conduziu a concebê-la, frequentemente, como uma fachada ou casca defensiva que esconde uma psicose de base ou como uma defesa contra uma potencial depressão de caráter narcísico. (ALONSO; FUKS, 2004, p. 192)

Essa paciente, impaciente, exibia ânsia de ser desejada, mas preservava o desejo insatisfeito. Entregava sua vida, seu espaço psíquico para aqueles que não podiam retribuir. Para

os que, depois de um tempo, iriam abandoná-la, desvalidos como ela, porque mal podiam se ocupar dos próprios problemas. Sempre infeliz e sem gratificação se sentia abandonada e perdedora.

Vivia entre o dilema de TER e a falta de SER, entre a erotização do sofrimento que se impunha e impunha aos demais. A imagem de si mesma era de uma mulher temida e contestada. As falhas da função paterna ficavam evidentes. Não tinha garantias, não tinha proteção. Mas, à medida que cresceu profissionalmente se tornou a provedora do sustento daquelas que precisavam dela, as irmãs que humilhava e lhe serviam.

Alba, vítima e vilã, era estrangeira na própria casa. Não se reconhecia como alguém para ser amada. Não se reconhecia bonita, mesmo com o rosto bem delineado, com traços marcantes e um olhar penetrante, um olhar que lembra Clarice Lispector. Ela ignorava a possibilidade de ser feliz.

Considerações finais provisórias

Nesse breve relato e penoso trabalho pessoal aprendi a transcender o cotidiano, a enfrentar o medo, a frustração, a castração de um processo que começou como terminou, sob a égide da pulsão desvitalizante e silenciosa.

Alba colocou o dedal na minha mão. Dei voltas e reencontrei algumas recordações para alinhar pedaços de sua vida. Procurei palavras e imagens para contar o que ficou depois que se foi.

Nesse aspecto, revelo um fragmento de uma experiência emocional e clínica que não termina. Um saber, que não se sabe, revivido ao encontrar Clarice Lispector e suas personagens: Macabéia e G. H. mulheres presas nas armadilhas do narcisismo, da melancolia e do tédio.

A escrita continua, as ilustrações persistem e a erotização do sofrimento encontra caminho no verbo, na letra, na profusão das representações e transformações que desafiam a lógica em defesa da fome de amor e da paixão.

Referências

ALONSO, Silvia; FUKS, Mario. **Histeria**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: Abril, 1971.

FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 16: **O ego e o id**. (1923). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.